



# MUSEU AO VIVO



JORNAL DO MUSEU DO ÍNDIO - RJ - Órgão da Fundação Nacional do Índio  
ANO II - Nº 04 - OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO/91



Foto: Bitá Carneiro



Foto: Bitá Carneiro

Foto: Lamônica



**S**

ob orientação do sertanista e atual presidente da Funai Sidney Possuelo, na época chefe da Coordenadoria de Índios Isolados,

**O**

s Arara do rio Iriri foram contatados, na década de 80.

O grupo, de língua Karib, tem, aproximadamente, 30 índios vivendo acucados desde a construção da Transamazônica.

**SOBRE**

**MUSEU DO ÍNDIO**

Entrevista com Sidney Possuelo na pág. 3.

Editorial Pág. 2



**O** Museu do Índio foi criado por Darcy Ribeiro, em 1953, para se constituir numa instituição contra o preconceito e divulgar, junto à sociedade nacional, a diversidade e sofisticação da cultura indígena. Paralelamente, apresentava-se como sua atribuição a elaboração de pesquisas de caráter etnográfico e antropológico sobre os diversos povos indígenas, sendo criado, para tanto, ainda na década de 50, o 1º curso de pós-graduação em Antropologia com o objetivo de formar especialistas nesse campo de conhecimento.

Contudo, ao longo dos seus quase 40 anos de existência, o Museu do Índio vem sofrendo, como efeito de sucessivas políticas governamentais discricionárias, danos quase que irreparáveis, o que compromete o funcionamento e eficácia da instituição.

Desde sua instalação à Rua das Palmeiras, em Botafogo, o Museu do Índio enfrenta problemas relativos às condições físicas do prédio e ao espaço para a execução de suas atividades.

Nos últimos anos a situação tem-se agravado consideravelmente. Além das perdas do acervo, dada à inadequação de suas instalações, ocorreu também uma descaracterização nas suas finalidades essenciais.

Essas dificuldades poderão, em grande medida, ser resolvidas com a restauração e adaptação do prédio que ocupa e dos anexos existentes no mesmo terreno, que permitirão a realização de um intenso programa de revitalização da instituição como um todo, devolvendo e realçando

o papel relevante que sempre lhe foi reservado no panorama cultural e científico, nacional e internacional.

A restauração do Museu do Índio propiciará, assim, as condições adequadas de funcionamento, tanto do ponto de vista museológico, quanto como centro de documentação e de estudos científicos.

A partir da recuperação física e do reequipamento, o Museu oferecerá ao público um acervo bibliográfico único sobre Antropologia e uma documentação sobre política indigenista referente à atuação do antigo Serviço de Proteção aos Índios. Será montada também uma grande exposição de arte indígena com peças das valiosas coleções que o Museu abriga e conserva através de seus setores especializados.

A concretização desse projeto se torna urgente em face da realização, no próximo ano, da II Conferência das Nações Unidas para Meio Ambiente e Desenvolvimento, quando o Museu será, sem dúvida, centro de referência para informações sobre os povos indígenas, além de cenário privilegiado para eventos e cerimônias com essa temática.

Além disso, cabe ao Museu dotar os povos indígenas de instrumentos para a recuperação de sua cultura e de seus direitos históricos, devolvendo a essas populações documentos, peças e outros registros que possibilitem o resgate de informações básicas e, em alguns casos, a reconstrução de sua organização e etnicidade.

É, pois, prioridade do Museu do Índio a sua recuperação física, aliada à retomada de suas atividades de resguardar, divulgar, refletir e devolver informações sobre os grupos indígenas.



Foto: Lamônica

**As** precárias, ou mesmo inexistentes, instalações técnicas, elétricas, hidro-sanitárias, de comunicações, segurança e climatização são responsáveis pelo elevado risco a que estão submetidos os acervos da instituição.

Foto: Lamônica



## MUSEU AO VIVO

Jornal do Museu do Índio, órgão da Funai, vinculado ao Ministério da Justiça.

- Publicação trimestral
- Jornalista: Cristina Botelho, reg. prof. 18.678
- Consultoria Técnica: Maria Elizabeth Brêa Monteiro (Antropóloga)
- Técnica de Laboratório: João Domingos Lamônica
- Produção: Jotanesi Edições
- Distribuição gratuita - Nº 04 - outubro/novembro/dezembro/91
- Tiragem: quatro mil exemplares

• **Museu ao Vivo:** editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio, Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22.270 - Tels.: 286-8899 e 286-2097 - Fax: 286-0845 - Telex: 37091.

## Opinião \* Tito Rosenberg

Em junho de 1992, o Rio de Janeiro irá tornar-se o centro das atenções de todas as pessoas preocupadas com a qualidade de vida em todo o planeta. De acordo com o canadense Maurice Strong, Secretário Geral da Conferência da Rio-92, esta será a melhor e talvez a última oportunidade para que, aqueles que não pensam egoística e exclusivamente nos seus interesses imediatistas, possam discutir uma nova ética planetária, que venha a respeitar o meio ambiente e o direito das minorias étnicas e de outros nossos parceiros da fauna e da flora. Cada vez mais se faz imperioso perceber que existe uma correlação direta entre todas as formas de vida na Terra, sejam elas animais ou vegetais. A extinção contínua de espécies de uma ou outra forma de vida empobrece a Natureza como um todo. A morte do último lobo-guará ou do último habitante de uma floresta qualquer, ou da última araucária de pé, somente vem confirmar o temor de que a espécie humana, em seu furor antropocêntrico, perdeu o contato com seus valores morais e éticos mais básicos. Nossa arrogância enquanto membros de uma civilização genocidária deve terminar antes que seja tarde demais.

A Conferência do Rio, também conhecida como ECO-92, virá expor ao público, não somente os graves dilemas que nosso planeta sofre, que é a eterna luta entre a necessidade de desenvolvi-

mento e a fundamental importância de permanermos responsáveis pelo respeito à bio-diversidade, como também servirá para desnudar os interesses escusos daqueles, que, no Brasil ou nos outros países, conspiram contra a coletividade visando seus interesses pessoais.

No Brasil, vozes esporádicas e ilegítimas levantam-se contra a Conferência e contra qualquer tipo de discussão. Gente que prefere o escuro da ignorância, onde poderão melhor esconder seus interesses escusos, pois somente da discussão entre as partes é que poderá sair o consenso. Devemos ter em mente que somos responsáveis, como hospedeiros da Conferência e fiéis depositários do patrimônio de todos, que é a Floresta Amazônica, de conduzirmos nossa posição para uma longevidade de objetivos. Visando preservar, não somente os direitos das minorias étnicas, que são nossos povos indígenas, mas também nossa riqueza mineral e vegetal. Desta forma sim, poderemos ascender ao que de melhor existe no tão falado e tão mal compreendido Primeiro Mundo. Preparemo-nos para testemunhar, em junho de 1992, o que poderá vir a ser a pedra fundamental de uma nova era de crescimento econômico com mais igualdade de benefícios para todas as espécies da Vida na face da Terra.

\* Jornalista e Assessor da Funai.

## PERFIL

Carlos de Araújo Moreira Neto é o novo diretor do Museu do Índio. Exerceu, anteriormente, na gestão Noel Nutels (1963-1964), o cargo de assessor para questões etnológicas do extinto Serviço de Proteção aos Índios - SPI. Ocupou, ainda, as funções de etnólogo no Departamento de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi e no Instituto Indigenista Interamericano (OEA/México), além de ser bolsista do CNPq, membro da American Society of Ethnohistory e colaborador do projeto de História da Igreja no Brasil da Comissão de História da Igreja na América Latina - CEHILA.

Em seu currículo, traz os títulos de bacharel em Direito, doutor em Ciências Sociais (Antropologia) e especialista em Etno-história, tendo produzido vários trabalhos, entre eles "A Política Indigenista Brasileira durante o Século XIX" (tese de doutorado) e "Índios da Amazônia: a maioria e minoria (1750-1850)". Recentemente, escreveu, em co-autoria com Darcy Ribeiro, "La Fundación de Brasil: Testimonios (1550-1700)", para a Biblioteca Ayacucho, Caracas.

Na década de 50, Carlos Moreira iniciou suas pesquisas junto a diversos grupos indígenas, principalmente com os Gorotire / Kayapó desde os primeiros contatos com a sociedade nacional.

Entre 1975 e 1976, o atual diretor percorreu o País coletando a documentação dispersa pelas unidades da Funai relativa ao período de atuação do SPI. Essa iniciativa possibilitou a implantação, em 1976, do Centro de Documentação Etnológica (hoje Setor de Documentação) no Museu do Índio.



# DESTAQUE

Evento preparatório  
para a Rio-92



## ENCONTRO SOCIEDADES INDÍGENAS E MEIO AMBIENTE

Realização: Museu do Índio

Apoio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Comitê Intertribal —  
500 Anos de Resistência

Data: 19 e 20 de novembro de 1991.

Local: São Conrado Fashion Mall / RJ

(Estr. da Gávea, 899, 1º Piso / Palco Central, Largo de São Conrado)

### PROGRAMAÇÃO:

#### Dia 19 — ÍNDIOS E ECOLOGIA

Palestrantes: Tito Rosemberg (jornalista) e liderança indígena

#### Dia 20 — TERRA E TERRITÓRIOS INDÍGENAS

Palestrantes: Sidney Possuelo (Sertanista e Presidente da Funai)  
e liderança indígena

### ENTRADA FRANCA

Informações pelos telefones 286-8899 e 286-0845  
(Assessoria de Comunicação Social / Museu do Índio)

# ENTREVISTA COM

\* SIDNEY POSSUELO

**MV) Qual a orientação que vem sendo dada à política indigenista desde que o senhor assumiu a presidência da Funai?**

R — É uma política voltada, principalmente, para a questão da terra. Nós sabemos o quanto é fundamental demarcarmos as terras indígenas. Evidentemente que isso até passaria por um ajuste administrativo da Funai. Entretanto, em face das circunstâncias e dos problemas acumulados durante tanto tempo, não é possível atacarmos tudo isso ao mesmo tempo. Nós estamos, por isso, no momento, mais concentrados e voltados para as questões de definição e demarcação das terras indígenas.

**MV) Discute-se muito sobre a questão Yanomami. No entanto, outros 200 grupos indígenas continuam lutando por sua sobrevivência física e cultural, principalmente os do Nordeste e leste do Brasil. Como a Funai avalia essa situação diante dos novos direitos constitucionais dos índios?**

R — Com relação a questão Yanomami, há uma pressão no sentido de que Yanomami não é o único grupo indígena brasileiro. Nós temos perfeita consciência disso. Entretanto, a dramaticidade da situação Yanomami e por serem índios isolados praticamente sem autodefesa, cumpre-nos imediatamente atacar esta questão porque os outros, embora também com grandes problemas de terra, sobrevivência, saúde, etc., de alguma forma podem

se manifestar, utilizar-se de organizações, vir a Brasília. O Yanomami e outros grupos com menos contato, se nós não formos atrás de suas necessidades, eles morrem indefesos na mata. É uma questão só de prioridade e, logo que resolvermos a situação na área, voltaremos a distribuir mais equitativamente as nossas atenções.

**MV) Como funciona a Comissão de Defesa dos Direitos Indígenas — CDDI criada pelo senhor em agosto deste ano? Já há algum resultado?**

R — A Comissão foi criada para ouvir todo o tipo de denúncia. Qualquer pessoa, índio ou não índio, pode ir lá fazer uma denúncia. O CDDI, uma vez chegada a denúncia, processa e encaminha as informações e vai até fora da Funai, em outros escalões buscar respostas e elucidar questões. Caso haja necessidade de investigações ou defesa dos interesses indígenas, entra uma outra parte, que não é do CDDI: a Defensoria Indígena, que foi criada dentro da Procuradoria Jurídica. A Defensoria amplia as opções do índio para que ele possa se defender.

**MV) O Estatuto do Índio tem hoje uma nova redação. Quais as alterações significativas em relação ao primeiro? Como o senhor vê a aprovação desse Estatuto pelo Congresso Nacional?**

R — A aprovação do Estatuto pelo Congresso

## EMPRESA LEÃO JÚNIOR PRESERVA MATAS NATIVAS

**A** Leão Júnior S.A., maior produtora de chá mate a granel do País, já na década de 70 começou a se preocupar com a questão da preservação ambiental, dando início a seu programa de reflorestamento de três mil hectares de terras. A maior parte dessa área está reservada a plantas nativas.

À erva-mate misturam-se árvores como pinheiros e imbuías em mata fechada no oeste do Paraná. Neste ano, foram plantadas 300 mil mudas de erva-mate. Em 1992, deverão ser 450 mil. Cerca de 2,5 milhões de mudas são produzidas nos três viveiros da empresa, localizados no Paraná e em Santa Catarina.

Resgatar as matas nativas do Paraná é um projeto ambicioso da Leão Júnior S.A. A história da empresa, que domina 77 por cento do mercado brasileiro de chá mate, caminha lado a lado com a defesa da ecologia. "Preservar as matas é fundamental para o equilíbrio do meio ambiente e é economicamente bom.", afirma Antônio Carlos Leão, vice-presidente da empresa Leão Júnior.

## EM FOCO MUSEU DO ÍNDIO PRODUZ VÍDEO SOBRE ÍNDIOS GUARANI DE BRACUÍ



Foto: Maria Goretti Moreira

**O** Setor de Antropologia Visual do Museu do Índio coloca à disposição das instituições interessadas para empréstimo o vídeo "Em busca da terra sem males — Os Guarani de Bracuí" (de Maria Goretti Moreira e Sheila Sá, cor, PAL-M, 13 min.).

**O** documentário, exibido na 43ª reunião anual da SBPC, registra o cotidiano da Área Indígena Guarani de Bracuí, no Município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, onde vivem cerca de 200 índios, numa área de 700 hectares, em processo final de regularização.

Nacional é uma incógnita. O Executivo pode entrar com qualquer tipo de projeto de lei lá dentro e ele ser transformado de forma a entrar amarelo e sair cor-de-rosa ou vice-versa. É uma incógnita, mas esperamos que os nossos parlamentares sejam bastante sensíveis à causa indígena. Por outro lado, o novo Estatuto deverá tocar em pontos básicos, com a situação das terras indígenas e a questão da emancipação e tutela. São pontos-chave que deverão ter uma visão diferenciada na medida em que a própria Constituição já trata o assunto de forma diferente da anterior. Nossa preocupação é no sentido de que sejam mantidos mecanismos especiais que garantam a proteção das comunidades indígenas e o fortalecimento do órgão encarregado de assistir a estas comunidades.

**MV) Qual a sua expectativa em relação a atuação do Museu do Índio enquanto órgão científico cultural da Funai?**

R — O Museu do Índio é uma unidade da Funai de extrema importância. Penso que ele não deva ser um mero repositório de peças antigas e não somente um guardião da história. O Museu tem outros papéis como instituição científica e de auxílio a problemas práticos da Funai. Acredito que principalmente com o professor Carlos Moreira Neto, que agora assumiu o Museu — ele é um dos pais dessa criança junto com o antropólogo Darcy Ribeiro — estes objetivos serão atingidos. Ele tem

uma visão de homem de ciência e homem sensível e apaixonado pela causa indígena, por isso, acho que conseguirá rasgar para o Museu do Índio aquilo que ele foi perdendo ao longo do tempo. A Funai foi perdendo as suas atividades fundamentais e sua credibilidade. Tudo isso deve entrar num novo ritmo de concepção com Carlos Moreira Neto.

**MV) Como a Funai está se preparando para a Rio-92?**

R — A Funai se prepara em dois níveis. O nível oficial requer pouco de nós. A nossa atividade fundamental na Rio 92 está ligada ao Museu do Índio. O Museu é a única unidade da Funai expressiva nessa circunstância no Rio de Janeiro, onde acontecerá a Conferência. Dessa forma devemos preparar o Museu do Índio na medida das possibilidades do que conseguirmos e dos esforços para reestruturá-lo fisicamente e colocar à disposição das pessoas que estiverem no Rio, durante a Conferência informações sobre o índio brasileiro. Acredito que o Museu deva, nesse trabalho, concentrar sua ação em palestras, exposições, filmes, documentários e trabalhos que possam ser colocados à disposição do público.

\* Sertanista e Presidente  
da Fundação Nacional  
do Índio



# PESQUISA INDÍGENA

\* José Carlos Levinho

Estivemos pela primeira vez entre os Parintintin, em 1985, fazendo parte de uma equipe da FUNAI, com o objetivo de iniciar o processo de regularização administrativas de suas terras. No levantamento realizado constatamos a presença de 149 índios dentro dos limites do território tradicional que se estende do baixo Ipixuna até o rio Machado, incluindo a bacia do rio Ipixuna e a parte superior do rio Maici, região do médio Madeira, nos estados do Amazonas e de Rondônia. Através desses trabalhos, realizado em conjunto com o antropólogo da Universidade de Illinois, Wau Kracke, que iniciou pesquisas junto a esses índios em 1967, propusemos a criação das áreas indígenas Ipixuna e 9 de Janeiro, até hoje não demarcadas.

Logo que começamos os estudos junto aos Parintintin, chamou-nos atenção o intenso processo de mudança a que foram submetidos. Eles adotaram vários costumes do segmento da população brasileira com o qual estão em contato desde 1923. Todos utilizam o português para se comunicar, além de sua língua materna, o tupi kagwahiv. Fazem uso de roupas e de alimentos industrializados. Estão engajados na economia regional, desenvolvendo atividades extrativas e de coleta de produtos naturais. Mas, por outro lado, as regras de casamento, a escolha da chefia, as relações entre sogro e genro, a filiação clânica, a organização das atividades de subsistência e comerciais, a noção de posse da terra, etc. obedecem a princípios que pertencem à sociedade Parintintin.

É correto afirmar que, mesmo tendo sofrido mudanças, não deixaram de ser um grupo distinto do nacional, com características e necessidades próprias. Esta peculiaridade, comum a diferentes grupos indígenas de conseguir física e culturalmente a uma experiência de contato destrutiva, foi o que nos motivou a realizar o estudo das relações entre os Parintintin e a sociedade envolvente.

O nosso objetivo consiste em apreender as estratégias utilizadas pelos índios para administrar as situações impostas pelo contato. Ou seja, a partir das opções e respostas encontradas pelos Parintintin, pretende-se perceber de que modo a sociedade intervém no processo de transformação por ela vivenciado. Deste modo, procuraremos mostrar que as mudanças adotadas por um povo que sobreviveu ao contato nada mais são do que um grande esforço para continuar existindo, no caso, enquanto Parintintin.

Essa pesquisa oferece a oportunidade de obtermos conhecimento sobre o modo de vida atual de um grupo indígena, único meio possível de identificar suas reais necessidades. Os seus resultados repercutem para os índios através de trabalhos, já iniciados, na área de saúde e educação.

\* Antropólogo do Setor de Etnologia do Museu do Índio



Índios  
PARINTINTIN,  
Posto de Pacificação  
Rio Madeira/SPI

Foto: Comissão Rondon, 1925.



Índios Parintintin,  
Rio Ipixuna/AM, 1985.

Foto: José Carlos Levinho



## USANDO A TRADIÇÃO E ABUSANDO DA QUALIDADE



Simbolizando ritmo e dinamismo, a nova identidade visual do Museu do Índio é representada por um padrão de desenho cinético dos Kadiwéu (MS). A marca é o principal motivo curvilíneo do grupo, usado na pintura de couros. Anoã, Kadiwéu, é a autora do desenho.

Comunicamos alterações nos números dos telefones do Museu do Índio:

Setor Pedagógico e Biblioteca: 286-7745  
Setor de Documentação e Antropologia Visual: 286-0399  
Assessoria de Comunicação Social: 286-8899  
Secretaria: 286-2097 e 286-0845 (FAX)

### COMITÊ InterTRIBAL — 500 anos de Resistência

A criação do Comitê Intertribal — 500 Anos de Resistência expressa a mobilização indígena diante do processo de destruição da natureza.

Trata-se de uma organização para debater, propor e decidir as reivindicações dos povos indígenas junto à sociedade nacional, principalmente o direito de viverem em suas terras originais.

O Comitê Intertribal é o representante dos grupos indígenas brasileiros durante a realização

da Rio-92. Para isso, está organizando a Conferência Internacional Indígena que acontecerá de 18 a 31 de maio de 1992, no Parque Indígena Kari-Ocá, com o objetivo de analisar a questão "meio ambiente e desenvolvimento auto-sustentável num modelo ajustado às necessidades do mundo moderno". Estarão presentes cerca de 500 índios brasileiros e estrangeiros. O aldeamento será construído, na área do Maciço da Pedra Branca, em Jacarepaguá, de fevereiro a abril de 1992, por 75 índios.

IMPRESSO